

**SALVO MONTALBANO
E O MANIFESTO DA COZINHA SICILIANA:
O CARDÁPIO DE MONTALBANO**

Gisele Maria Nascimento Palmieri ()
gmp80@yahoo.com.br

RESUMO

O personagem Salvo Montalbano, um comissário de polícia da fictícia cidade de Vigàta, é considerado um *buona forchetta*. Criado pelo escritor italiano Andrea Camilleri para uma série de *gialli*, o detetive siciliano aprecia a boa culinária, vale dizer, típica da sua região. Uma das possíveis leituras dos romances policiais de Andrea Camilleri é a da literatura como manifesto da cozinha da Sicília. Um prato bem feito, uma *pasta* bem cozida, o ato de mastigar devagar, saboreando bem os alimentos, tornam-se, para Montalbano, prerrogativas de um verdadeiro italiano. Pode-se montar um livro de receitas a partir da leitura dos livros da série ou mesmo criar um cardápio digno de um excelente restaurante de cozinha regional siciliana, levando o leitor a perceber, na literatura policial de Andrea Camilleri, traços de uma representação identitária do Sul da Itália.

Palavras-chave:

Montalbano. Literatura. Culinária. Manifesto. Cardápio. Intertextualidade.

1. Referências e alusões gastronômicas

O personagem Salvo Montalbano, criado por Andrea Camilleri, possui como uma de suas mais peculiares características um traço emprestado de outro personagem famoso: Pepe Carvalho. Ambos são amantes da boa culinária. O primeiro detetive gourmet da literatura policial serviu de base para a criação, empreendida por Andrea Camilleri, do comissário siciliano. Amigo íntimo de Vázquez Montalbán, o escritor catalão “pai” de Pepe Carvalho, Andrea Camilleri batiza seu personagem mais famoso com o sobrenome homônimo do amigo escritor:

Ho battezzato il commissario Salvo Montalbano in onore di Manuel Vázquez Montalbán, il mio caro amico di cui oggi piango la scomparsa. [...] Non ne ammiravo solo il raffinato stile narrativo, l'invenzione del detective-gourmet Pepe Carvalho, ma anche e soprattutto il profilo intellettuale, antifascista e comunista¹

¹Batizei o comissário Salvo Montalbano em homenagem a Manuel Vázquez Montalbán, o meu caro amigo de quem hoje choro o desaparecimento. [...]Não admirava somente o refinado estilo narrativo, a invenção do detetive-gourmet Pepe Carvalho, mas também, e sobretudo, seu perfil intelectual,

A admiração que Andrea Camilleri tinha pelo personagem criado por Montalbán proporcionou ao escritor siciliano a oportunidade de criar o seu próprio personagem que, não apenas levou o nome daquele autor o qual queria homenagear, mas que permitiu a reapropriação dos traços estéticos de Pepe Carvalho. O prazer pela comida do personagem espanhol foi ressignificado nos livros policíacos de Andrea Camilleri, posto que a característica de personagem *gourmet* coincide com um traço identitário que Montalbano representa. Comer bem faz parte do estilo de vida do detetive de Andrea Camilleri assim como faz parte do estilo de vida de um cidadão siciliano. A intertextualidade estabelecida entre o escritor italiano e o escritor catalão em seus romances policiais coincidiu com o projeto de representação identitária do autor siciliano, que era criar um personagem que personificasse o homem siciliano, à maneira como ele é idealizado pelo autor: honesto, intelectualizado e “bom de garfo”. Mesclou-se, em Salvo Montalbano, características do escritor Vázquez Montalbán e o personagem criado por este, Pepe Carvalho. Criador e criatura serviram de inspiração para o nascimento do mais famoso detetive da ficção policial italiana.

Considerando que “não existem textos que não mantenham algum aspecto intertextual, pois nenhum texto se acha isolado e solitário” (MARCUSCHI, 2014, p. 129), essa aproximação entre Pepe Carvalho, Manuel Vázquez Montalbán e Salvo Montalbano é explicitamente explorada por Andrea Camilleri em seus *gialli*. Em *O Cão de Terracota* o narrador nos informa que “o comissário andava lendo um romance policial de um escritor barcelonês que o intrigava bastante e que usava um sobrenome igual ao dele, mas na forma espanhola, Montalbán” (CAMILLERI, 1996, p. 6) A intertextualidade provocada por referências e alusões a outros personagens e escritores da literatura mundial, italiana e, ainda, siciliana fazem parte da tessitura das tramas policíacas camillerianas.

Apesar do dialogismo estabelecido na construção do personagem Montalbano, de Andrea Camilleri, a partir do personagem Pepe Carvalho, de Vázquez Montalbán, o narrador das séries policíacas do detetive siciliano faz alusão, em uma passagem de *O Cão de Terracota* (1996, p. 36), ao modo de comer do amigo de ficção de Montalbano, Pepe Carvalho, distanciando-os:

antifascista e comunista”. Disponível em:

http://www.vigata.org/camilleri_montalban/camilleri_montalban.shtml> Acesso em: 02-07-2017

Montalbano pegou os petiscos, uma garrafa de vinho, o pão, ligou a tevê e acomodou-se à mesa. Gostava de comer sozinho, saborear os bocados em silêncio. Entre os muitos vínculos que o ligavam a Livia, havia também este: o de não abrir a boca enquanto comia. Ocorreu-lhe que, em matéria de gosto, ele era mais parecido com Maigret do que com Pepe Carvalho, o protagonista dos romances de Montalbán, o qual se empanturrava de pratos que faziam explodir a barriga de um tubarão.

O autor, por meio dessa passagem, quer deixar claro que a homenagem ao amigo catalão se limitou ao sobrenome dado ao seu personagem, como bem esclareceu em uma entrevista realizada por Mario Spezi (2003):

*No, Montalbano non ha alcuna parentela con Pepe Carvalho e neanche con Montalbán. Hanno in comune la passione per la cucina, è vero, ma il mio poliziotto è probabilmente più vicino alla solarità di certi personaggi marsigliesi del povero Jean Claude Izzo. Il nome, invece sì, è un omaggio a Montalbán, perché proprio leggendo un suo libro capii come doveva strutturare un romanzo giallo.*²

Mikhail Bakhtin (2017, p. 297) esclarece que

cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo [...]: ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta.

Sendo assim, fica claro que, em comum com o personagem Pepe Carvalho, Montalbano toma emprestado apenas a “paixão pela cozinha”. Andrea Camilleri retoma o texto de Vázquez Montalbán, baseia-se nele, mas rejeita qualquer outro atributo emprestado do personagem criado pelo amigo escritor catalão. E é a partir desse traço em comum entre ambos os personagens detetives que se desenvolverá o presente artigo.

2. *Montalbano, o detetive “buona forchetta”*

A relação do italiano com a comida o singulariza no cenário gastronômico mundial. Sua fama de bom cozinheiro ou apreciador da boa mesa se estende à literatura. Fabiano Dalla Bona (2009, p. 15) diz que

² Não, Montalbano não tem nenhum parentesco com Pepe Carvalho e nem mesmo com Montalbán. Têm em comum a paixão pela cozinha, é verdade, mas o meu policial é provavelmente mais próximo à solaridade de alguns personagens marselheses do pobre Jean Claude Izzo. O nome, esse sim, é uma homenagem a Montalbán, porque foi lendo seu livro que entendi como deveria estruturar um romance policial. Disponível em:

<http://www.vigata.org/camilleri_montalban/camilleri_montalban.shtml>. Acesso em: 02-07-2017.

“(…) para o povo italiano, a ‘ciência’ do bem comer e o instinto plenamente desenvolvido, mantidos através dos hábitos alimentares seculares, é de fácil percepção na crônica de seus escritores, de seus críticos sociais”.

O personagem de Salvo Montalbano é o representante literário que melhor exemplifica, dentro da vasta literatura italiana, o profícuo relacionamento entre a Itália e a cultura gastronômica. Conhecedor e apreciador dos pratos típicos da sua terra, Montalbano personifica, na ficção camilleriana, o homem italiano, mais especificamente o homem siciliano, que valoriza o momento da refeição como algo extraordinário. Um almoço ou jantar é um importante ritual para o personagem Salvù, apelido dado por amigos íntimos, e funciona como artifício narrativo de suspensão do fluxo natural do enredo. É uma pausa na rotina estafante e agitada do detetive siciliano para um momento de gozo e paz, recurso utilizado por Andrea Camilleri para contrapor a rudeza da violência urbana de Vigàta, pela leveza de uma refeição feita com prazer. Esta última representação redime a Sicília como um lugar conhecidamente perigoso, tantas vezes assim retratada nos jornais, televisão e até mesmo, na literatura. A hora da refeição de Montalbano seria um momento em que a trama ganha ares *locus amoenus*, afastando qualquer ideia *locus horrendus* que haja sobre a região da Sicília.

Retomando a referência que o personagem faz de Pepe Carvalho em *O Cão de Terracota* (1996, p. 36), segundo o raciocínio de Montalbano, naquela passagem, o detetive catalão comete o pecado da gula, que “é a vontade imoderada de comer e beber, o afã de assimilar todo o universo pela via digestiva” (DALLA BONA, 2009, p. 21). Ou seja, Pepe Carvalho faz-se glutão. Já o comissário estaria representado à maneira de um indivíduo de bom paladar e gosto refinado, que faz escolhas requintadas nos restaurantes, *osterie* e *trattorie* do sul da Itália. Em *Os Mares do Sul*, após um bom tempo preparando para uma visita berinjelas gratinadas com camarões e presunto, Pepe Carvalho revela que seu paladar não é sofisticado: “ – Admito que é muito pouco ortodoxo. O normal é fazer com bechamel quimicamente puro e com menos sabor de camarão. Mas eu tenho um paladar primário” (MONTALBÁN, 2001, p. 86). O paladar, definitivamente, não é o mesmo de Montalbano, que atenta para detalhes que só um paladar requintado e exigente possui, como pode-se perceber nesta passagem em que vai à casa de dona Angelina: “Este se sentou e ela serviu-lhe sopa de peixe, concentrada até onde Deus permitia e incrementada com salsa” (CAMILLERI, 1996, p. 185). Para Mon-

talbano, pequenos detalhes gastronômicos fazem toda a diferença no sabor dos alimentos.

Refletindo sobre essas duas passagens (a de *Os Mares do Sul* e a de *O Cão de Terracota*), chega-se a um dos argumentos defendidos nesse artigo, que é o isolamento cultural do siciliano no campo gastronômico representado pela figura do comissário de Vigàta. Montalbano representaria essa separação entre a relação de um italiano da Sicília e a de outros cidadãos do mundo com a comida, pois seu modo de comer, suas escolhas de refeições e dos locais onde vai comer e a preferência que dá a comer a comida de quem sabe cozinhar bem, enfim, o como, quando, onde e a comida de quem comer é tão importante quanto o ato de comer em si. O seu interesse peculiar pela comida, pelo momento da refeição, pelo ato de comer emerge, no texto literário de Andrea Camilleri, como um estandarte identitário, pois “se a identidade de um povo pode ser construída através da sua língua, podemos afirmar que pode ser construída também através de suas práticas alimentares” (DALLA BONA, 2009, p. 119). E é nesse momento que ele se afasta, propositadamente, do personagem Pepe Carvalho.

O comissário de Vigàta não come, apenas. Ele ritualiza cada encontro com o alimento à mesa. Seus ritos gastronômicos são perceptíveis quando se vai lendo os livros da série. À maneira de um manifesto, atos e comportamentos repetitivos do siciliano são apreendidos pelo leitor que acompanha suas aventuras no texto literário. A cozinheira Adelina, que ele prefere como companhia à sua namorada Livia, pois esta não gosta de cozinhar; as desculpas dadas para refutar convites (até amorosos) para sair, quando se é convidado, no mesmo dia, para jantar na casa do chefe, cuja esposa cozinha muito bem; o hábito de comer em silêncio e não permitir que ninguém fale perto de si enquanto está degustando um prato bem feito; a preferência por comer pratos tipicamente sicilianos, a *osteria* San Calogero, lugar cativo ao qual ele recorre quando Adelina não vai trabalhar em sua casa, entre outros, são hábitos e comportamentos os quais os leitores apreendem e que podem ser lidos como uma declaração dos direitos e deveres de um siciliano à hora de comer.

O tempo dedicado ao ato de comer é, para ele, sagrado e de puro deleite.

Montalbano è veramente una buona forchetta, mangia per consolarsi, per coccolarsi, per premiarsi, si percepisce un rapporto quasi sensuale con il ci-

bo. Certe descrizioni di piatti sono talmente eccitanti da stimolare le papille gustative del lettore...³.

A comida é o seu consolo, seu refúgio, seu gozo, sua retribuição.

Nos *gialli* de Andrea Camilleri, “a literatura fornece um modo de se conhecer e, por que não, de se reapropriar da identidade cultural, fazendo uma viagem pela cultura alimentar do sul da Itália” (DALLA BONA, 2009, p. 36). Seguindo uma tradição literária de escritores sicilianos predecessores a Andrea Camilleri, sua produção literária soma-se àquelas que buscam revisitar a identidade da região da Sicília. Walter Mauro (1970, p. 09) diz que “*a chi voglia esaminarla nella sua globalità, la cultura siciliana si presenta com quei caratteri di discontinuità e di difformità che ne imporrebbero una urgente revisione (...)*”⁴ Essa necessidade de examinar a cultura siciliana, presente também em Andrea Camilleri, ganhou um recorte dentro de suas tramas policíacas. O seu artifício literário para a representação identitária é a implantação da característica típica de um siciliano, que é a sua cultura alimentar e sua culinária, conhecida e difundida em todo o mundo.

3. Comida e identidade

É possível, lendo os livros da série policial protagonizadas por Montalbano, anotar receitas típicas sicilianas descritas pelo narrador. “Quando acabou de comer, foi dar uma olhada no freezer. Havia aquela *granita* de limão que a cozinheira preparava segundo a receita um-dois-quatro: um copo de limão, dois de açúcar, quatro de água” (CAMILLE-RI, 1996, p. 97). É possível, também, montar um cardápio de pratos, bebidas e sobremesas sicilianas como veremos mais adiante. E é, ainda, possível compreender as regras de comportamento dos sicilianos à mesa, por meio da observação do que faz, habitualmente, Montalbano na hora da refeição.

Considerando a seguinte reflexão do jornalista e escritor Gianni Bonina (2007, p. 13),

³ Montalbano é verdadeiramente um bom garfo. Come para consolar-se, para paparicar-se, para premiar-se, percebe-se uma relação quase sensual com a comida. Certas descrições de pratos são tão excitantes que estimulam as papilas gustativas do leitor. Disponível em: <<http://www.vigata.org/maigret/maigret.shtml>>. Acesso em: 02-07-2017.

⁴A quem pretende examiná-la na sua globalidade, a cultura siciliana se apresenta com aquelas características de descontinuidade e deformação que a impoariam uma revisão urgente.

Soggetti ad ammalarsi di se stessi ed essere Il coltelo e la ferita, i siciliani trovano in se stessi la cura, che consiste in un cordone sanitario eretto contro le influenze esterne ma anche in una cintura di contenimento indossata contro gli empiti esterofili⁵

vemos que os sicilianos possuem certa resistência à cultura externa, o que o leva a valorizar a sua própria. Assim é com a sua cultura gastronômica, nos *gialli* de Andrea Camilleri. Comer os pratos típicos da região é, para o autor, na figura do comissário Montalbano, uma ode a esse cordão de isolamento culinário, podendo ser interpretado como a cura de que fala Gianni Bonina. A cura para a perda da identidade gastronômica que possivelmente aconteceria caso os sicilianos não resissem à globalização, ou seja, à invasão estrangeira. Para ilustrar esse pensamento, apresentaremos um manifesto da culinária siciliana e um cardápio de pratos típicos da Sicília, que consistem na parte teórica do pôster a ser apresentado no congresso nacional do Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos (CIFEFIL), em agosto de 2017.

Como uma paródia ao *Manifesto da Cozinha Futurista* (MARI-NETTI, 1927), texto traduzido e adaptado por Filippo Tommaso Marinetti, em que o futurista italiano busca renovar a gastronomia do século XX, com “a ambição de teorizar a primeira autêntica revolução cultural, antropológica e gastronômica do sistema alimentar italiano” (DALLA BONA, 2016, p. 44), apresentaremos o manifesto da cozinha siciliana, pelo comissário Salvo Montalbano. No pôster, por questões de formatação, não serão apresentadas as citações, apenas as frases do manifesto.

Posteriormente, com a forma de um cardápio, apresentaremos alguns pratos típicos da Sicília degustados pelo comissário. Alguns desses pratos típicos possuem um nome em dialeto siciliano. Portanto, serão mostrados, em itálico, o nome siciliano dos pratos com a sua versão italiana em dialeto. No pôster, apresentaremos as fotos desses pratos.

Tanto o manifesto quanto o cardápio foram criados a partir dos três primeiros livros da série policial de Andrea Camilleri, a saber: *A Forma da Água* (1994), *O Cão de Terracota* (1996) e *O Ladrão de Merendas* (1996).

⁵ Sujeitos a adoecer de si mesmo e de ser a faca e a ferida, os sicilianos encontram em si mesmos a cura, que consiste em um cordão sanitário erguido contra a influência externa e também em um cinto de contenção usado contra as ondas estrangeiras.

4. Manifesto da cozinha siciliana (por Montalbano)

- 1) Reduzir o ritmo da mastigação a fim de prolongar o prazer de saborear o prato:

Mais que uma nova receita para cozinhar polvo, a invenção da senhora Elisa, a mulher do chefe de polícia, pareceu ao palato de Montalbano uma verdadeira inspiração divina. Ele serviu-se de uma segunda e abundante porção e, quando viu que também esta chegava ao fim, reduziu o ritmo da mastigação, a fim de prolongar, por menos que fosse, o prazer de saborear o prato. (CAMILLE, 1994, p. 125)

- 2) Sempre confiar na comida de quem cozinha bem (e desconfiar da comida de não sabe cozinhar:

[...] Montalbano abriu a geladeira: Adelina havia preparado um abundante ensopadinho de camarão, suficiente até para quatro. Adelina era mãe de dois delinquentes, o caçula dos dois tinha sido detido três anos antes pelo próprio Montalbano e ainda estava na prisão. [...]

No último mês de julho, quando veio a Vigàta para passar duas semanas com ele, Lívia ficou apavorada ao ouvir aquela história.

– Você é louco? Mis da, menos dia, essa daí resolve se vingar e envenena sua sopa!

– Mas de que ela se vingaria?

– Você prendeu o filho dela!

– E daí, é culpa minha? Adelina sabe muitíssimo bem que não é culpa minha, mas do filho, que foi babaca de se deixar apanhar. Eu agi lealmente pra pender ele, não recorri a estratégias nem armadilhas. Foi tudo normal.

– Não quero nem saber desse jeito distorcido de vocês raciocinarem. Você tem que mandar ela embora.

– Mas, se eu fizer isso, quem cuida da casa, lava e passa, faz comida pra mim?

– Você arranja outra!

– Aí você se engana: boa como Adelina não existe. (CAMILLE, 1994, p. 63-64)

- 3) Jamais recusar um convite para sentar-se à mesa, mas recusá-lo quando sabe-se que o (a) cozinheiro (a) não é bom (a):

– Bom, minha senhora, eu lhe agradeço e... – principiou o comissário, enguendo-se.

– Por que não fica pra jantar comigo?

– Montalbano sentiu seu estômago empalidecer. Dona Clementina era uma boa pessoa, muito agradável e tudo, mas devia alimentar-se á base de semolina e batatas cozidas.

– Realmente, eu tenho tanta coisas pra...

– Pina, a empregada, é uma excelente cozinheira, pode acreditar. Hoje preparou massa à Norma, sabe qual? Aquela com berinjelas fritas e ricota salgada.

– Jesus! – fez Montalbano, voltando a sentar-se.

– E, como segundo, uma guisado.

– Jesus! – repetiu Montalbano.

– Por que esse espanto todo?

– Não é uma comida um tantinho pesada para a senhora?

– E por quê? Eu tenho um estômago que uma garota de vinte anos tem, daquelas que atravessam o dia inteiro com meia maçã e um suco de cenoura. Será que o senhor é da mesma opinião do meu filho Giulio?

– Não tenho o prazer de conhecer essa opinião.

– Ele diz que, na minha idade, não é decoroso comer essas coisas. E me considera um pouco desavergonhada. Acha que eu devia me aguentar à base de mingauzinhos. Então, o que o senhor resolve, fica?

– Fico. – respondeu o comissário, decidido. (CAMILLETTI, 1996, p. 52)

Como estava ficando tarde, Valente convidou o colega para jantar em sua casa. Montalbano, que já havia sofrido a experiência da terrificante culinária da mulher do subchefe, recusou, dizendo que precisava voltar imediatamente a Vigàta. (CAMILLETTI, 1996, p.122)

4) A massa não deve ser cozida além do ponto:

Júlia, a mulher do subchefe Valente, não só era da mesma idade que Lívía como, além disso, tinha nascido em Sestri. A simpatia entre as duas foi instantânea. O mesmo não aconteceu com Montalbano em relação à senhora Valente, em virtude da massa vergonhosamente cozida além do ponto(...) (CAMILLETTI, 1996, p. 203)

5) Cumprimentar o cozinheiro do restaurante (caso a comida tenha sido bem preparada):

Adiantado para o encontro com Valente, resolveu estacionar à frente do restaurante onde já estivera da outra vez. Traçou um *sauté di vongole* com farinha de rosca, uma porção abundante de *spaghetti in bianco con le vongole* e um rodoválho ao forno, com orégano e limão caramelado. Completou com uma forminha de chocolate amargo ao molho de laranja. Por fim levantou-se, foi à cozinha e, comovido, apertou a mão do cozinheiro, sem dizer uma palavra. (CAMILLETTI, 1996, p. 172)

- 6) Farejar o prato antes de comer, a fim identificar seus ingredientes e apreciar o seu aroma:

Montalbano sentiu-se agradecido, mais uma notícia daquelas e seu apetite desapareceria. Depois chegaram as oito postas de merluza, porção claramente suficiente para quatro pessoas. Gritavam as postas, em alegria por terem sido preparadas como Deus manda. À primeira farejada, o prato já demonstrava sua perfeição, alcançada com a justa quantidade de farinha de rosca, com o delicado equilíbrio entre anchova e ovo batido. (CAMILLERI, 1996, p. 26)

- 7) Não engolir logo a comida, apreciá-la antes de degluti-la:

O comissário levou à boca a primeira garfada, mas não a engoliu logo. Deixou que o gosto se difundisse suave e uniformemente sobre a língua e o palato, que a língua e palato dessem conta plenamente do regalo que lhes era oferecido”. (CAMILLERI, 1996, p. 26)

- 8) Não permitir ser interrompido enquanto come. O momento da refeição é único e não permite distrações:

– Arrumei aqui – disse o dono, assim que viu Montalbano comparecer para o jantar, e conduziu-o a uma saletinha onde só cabiam duas mesas. O comissário sentiu-se agradecido: a sala grande retumbava com as vozes e risadas de um grupo barulhento.

– Botei mesa pra dois – prosseguiu o dono. – Tudo bem se o *cavaliere* Pintacuda comer com o senhor?

Tudo bem, tudo bem, não: ele sempre temia precisar falar enquanto estava comendo. (CAMILLERI, 1996, p. 206)

- 9) Não colocar queijo parmesão sobre a *pasta alle vongole*:

Enquanto esperava, Augello apoderou-se do jornal do comissário e começou a ler. Os spaghetti chegaram quando, por sorte, Montalbano já terminara a merluza, porque Mimì espargiu generosamente queijo parmesão sobre o prato. Jesus! Nem mesmo uma hiena, que é uma hiena e se alimenta de carniça, teria estômago para a ideia de um prato de *pasta alle vongole* com parmesão por cima. (CAMILLERI, 1996, p.26)

- 10) Abdicar-se de sentimentos de raiva e não brigar no momento de uma refeição:

Começaram a almoçar, Livia e François de vez em quando se falavam, fechados numa invisível esfera de cumplicidade, da qual Montalbano havia ficado completamente excluído. Mas a comida estava tão gostosa que ele não conseguiu se enraivecer como gostaria. (CAMILLERI, 1996, p. 97)

- 11) Ser capaz de identificar cada ingrediente utilizado em um prato, degustando-o lenta e prazerosamente:

O comissário pôs na boca meia almôndega e, com a língua e o palato, principiou uma análise científica que deixaria Jacomuzzi envergonhado. A saber: peixe e, não havia dúvida, cebola, pimentão picante, ovo batido, sal, pi-

menta-do-reino, farinha de rosca. Mas, para achar o nome, ainda faltavam dois sabores a buscar sob o gosto da manteiga que servira para fritar. Ao segundo bocado, ele identificou o que não descobrira antes: cominho e coentro. (CAMILLERI, 1996, p. 212)

5. *Cardápio (siciliano) de Salvo Montalbano**

1. Antipasti (entradas)

Antipasto di mare

2. Primi e secondi piatti (primeiro e segundo pratos)

Italiano / *Siciliano*

Alalunga in agridolce / *Alalonga in agrodolce*

Attupatedri al sugo / *Attupateddi cuu purpu*

Nasello in salsa d'acciugghi / *Nasello in sarsa d'acciugghi*

Pasta incassata (o pasta al forno) / *Pasta 'ncasciata*

Pasta alla Norma

Pasta con i broccoli

Sarde a beccafico / *sardi a beccaficu*

Sauté di vongole col pangrattato

Sugo al nero di seppia

3. Dessert (sobremesas)

Italiano / *Siciliano*

Cassata siciliana

Cannoli / *Cannolu*

Mustazzoli di vino cotto / *Mustazzoli di vinu cottu*

* - Baseados nos três primeiros livros da série: *La forma dell'acqua* (1994) , *Il cane di terracota* (1996) e *Il ladro di merendine* (1996)

Petrafernula /

4. Bevande (bebidas)

Granita

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

BONINA, Giani. *Il carico da undici*. Le carte di Andrea Camilleri. Siena: Barbera, 2007.

CAMILLERI, Andrea. *A forma da água*. São Paulo: Record, 1999.

_____. *La forma dell'acqua*. Palermo: Selerio, 1994.

_____. *Il ladro di merendine*. Palermo: Selerio, 1996.

_____. *O cão de terracota*. São Paulo: Record, 2000.

_____. *O ladrão de merendas*. São Paulo: Record, 2000.

DALLA BONA, Fabiano. O manifesto da cozinha futurista. *Interfaces*. Rio de Janeiro. vol. II, n. 25, p. 41-52, jul./dez.2016.

_____. O prazer gastronômico no reino das duas Sicílias: entre o sagrado e o profano na representação literária. 2001. Tese (Doutorado em Letras Neolatinas). UFRJ, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.lettras.ufrj.br/pgneolatinas/media/bancoteses/fabianodallabonadoutorado.pdf>>.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual*. Análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola, 2014.

MARINETTI, Filippo Tommaso. La cucina futurista: Manifesto della cucina futurista. *La Fiera Letteraria*, 1927. Disponível em: <<http://cucinafuturista.blogspot.com.br/2016/05/manifesto-della-cucina-futurista-storia.html>>.

MAURO, Walter. *Sciascia*. Firenze: La Nuova Italia, 1970.